

## Algumas demarcações e interseções em morfologia

Maria do Céu Caetano

**Abstract:** In morphology, almost all reference literature has for some time covered the demarcation between inflexion and derivation, between compounds and syntactic structures and between compounding and derivation. Recognizing that, far from being exhausted, the arguments on this issue must still be discussed, this short paper will focus on the last of the topics pointed out. Thus, based on the criteria of distinction between compounding and derivation adopted in traditional grammars and in the structuralist and generative models, we will try to discuss to what extent the usually advanced differences are adequate to maintain compounding and derivation at different levels (cf., for example, Anderson 1992), or whether, as proposed by, among others, Booij (2010), the treatment of these processes can be carried out in a unifying way, both regarding the analysis and the theoretical framework, under the label 'construction'.

### 1. Introdução

As demarcações em morfologia começaram praticamente desde que na época moderna o termo cunhado para designar a área surgiu no âmbito da linguística. A título de exemplo, Bloomfield (1993: 207) explica que "Under morphology of a language we understand structures which represent obligatory forms within constituents. *Per definitionem* these generated forms present words, but never phrases. Subsequently we can say that morphology includes structures and portions of words, while syntax is related to structures of phrases and sentences". Contudo, este tópico está longe de ficar encerrado e, entre outras, as tentativas de demarcação entre flexão e derivação, entre derivação e composição e entre compostos e construções sintáticas têm sido amplamente discutidas em trabalhos mais recentes. Destas, interessa-me tratar por agora a demarcação entre derivação e composição.

Se é simples considerarmos que um composto típico se forma pela junção de dois lexemas e que um derivado resulta da junção de um afixo a lexema, persistem, contudo, algumas dúvidas relativamente a cer-

tos produtos gerados por estes dois processos de formação de novas palavras, dos mais utilizados em português. Exemplos como, por exemplo, *entreajudar* e *filmoteca*, ora são incluídos nos compostos, ora nos derivados por prefixação e sufixação. Isto mesmo pode ser observado ao consultarmos dois dos instrumentos de referência mais utilizados. Assim, podemos encontrar na *Gramática do Português Contemporâneo* (cf. referências bibliográficas), no capítulo 6 (pp. 85-117) dedicado à "Derivação e Composição", nos "Prefixos de Origem Latina", os prefixos *contra-*, *entre-* e *super / sobre-*, enquanto no dicionário Houaiss (cf. referências) esses mesmos elementos têm entrada enquanto preposições de origem latina.

### 2. A composição e a derivação em diferentes modelos de análise morfológica

De modo necessariamente breve, procurarei dar conta do tratamento conferido à composição e à derivação por parte de alguns morfólogos, os quais, nalguns casos, apontam sobretudo as diferenças, enquanto noutros realçam as semelhanças entre ambos os processos.

Num dos primeiros modelos a ser descri-

tos, o Modelo Item-and-Arrangement (cf., por exemplo, Hockett 1954), a diferença entre composição e derivação reduz-se a uma das propriedades dos morfemas, mais especificamente, o facto de terem / não terem autonomia. Neste modelo, os afixos podem ser representados enquanto itens lexicais, e subsequencialmente, são subcategorizados como podendo apenas ocorrer junto de uma base. É, portanto, um tipo de análise que descreve a composição e a derivação como processos muito similares (cf., entre outros, Bloomfield 1933 e, mais recentemente, Lieber 1980 e 1992).

Na abordagem seguida no âmbito do Modelo Item-and-Process, os processos morfológicos de composição e derivação são considerados como tendo uma natureza bastante diferente, enquanto a morfologia flexional e a morfologia derivacional são tratadas de modo unificador.

É um modelo em que a derivação consiste num conjunto de operações sobre lexemas que servem para dar origem a outros lexemas. Cada uma destas operações é uma Regra de Formação de Palavras, englobando três aspetos: fonológico (adição de uma sequência fonológica), semântico (a mudança de significado) e sintático (a (sub)categoria sintática do novo lexema). A composição, por outro lado, é considerada como resultante de um conjunto de Regras de Estruturas de Palavras que fazem parte da sintaxe e permitem combinar itens lexicais para a formação de compostos (cf., por exemplo, Anderson 1992).

Nos estudos de Morfologia Generativa existe uma forte relação entre a formação de palavras e a formação de frases. De entre vários aspetos, confronte-se, por exemplo, a representação da estrutura interna das palavras complexas, o conceito de ‘núcleo’ (tal como os sintagmas, as palavras complexas têm um núcleo, situado à direita, o qual é responsável pela especificação categorial, como *-ção* em *fertilização* e *-eiro*

em *livreiro*) e o tratamento dos compostos, sobretudo os formados de V+N, como *abre-latas* e *guarda-jóias*, em que a forma do verbo ocorre junto de um nome que corresponde ao objeto direto do verbo de base. É neste modelo que, desde a publicação da monografia de Aronoff (1976), tem trabalhado a maior parte dos especialistas em morfologia.

O Modelo da Morfologia Construcional (MC), tal como proposto por Booij (2010: 1) é uma teoria que consiste “at a better understanding of the relation between syntax, morphology, and the lexicon, and at providing a framework in which both the differences and the commonalities of word level constructs and phrase level constructs can be accounted for.”

Assumindo a noção tradicional de 'construção' e definindo-a como "pairing of form and meaning" (cf. Booij 2010: 11), o autor apresenta umas páginas adiante (cf. op. cit., p. 15) os seguintes tipos de 'construção':

	example
Word	tentacle, gangster, the
Word (partially filled)	post-N, V-ing
Complex word	textbook, drive-in
Idiom (filled)	like a bat out of hell
Idiom (partially filled)	believe <one's> ears/eyes
Ditransitive	Subj V Obj <sub>1</sub> Obj <sub>2</sub> (e.g. he baked her a muffin)

Como se pode observar, padrões derivacionais e sub-padrões de composição são “constructional idioms”, esquemas intermédios entre as palavras complexas no léxico e esquemas mais abstratos de formação de palavras.

Um dos aspetos mais frequentemente apontados a esta abordagem é que ela pode ser estendida à análise de combinações produtivas de várias palavras que funcionam como uma unidade lexical, como verbos de partículas e compostos em que

ocorrem mais de dois elementos (semelhantes a frases).

Para Booij (2010), a principal vantagem de uma abordagem baseada na 'construção' é o facto de ela não ser orientada para o *input*, tal como acontece nas abordagens que se baseiam em regras. O autor recorre a exemplos grandemente utilizados em que supostamente se dá a afixação de *-ista* em pares como *Marx – marxista* e de *-ismo* em *Marx – marxismo*. Ao descrever as regras de *-ismo* e *-ista*, Aronoff (1976) já havia referido que a relação entre estes pares é linguisticamente opaca, uma vez que depende do conhecimento que se tem ou não de que Karl Marx gerou um movimento político, e que a única relação semântica transparente que podemos estabelecer é entre *marxismo* e *marxista*. Tinha igualmente ficado claro que as regras de afixação esbarram por vezes em problemas difíceis de ultrapassar e uma das questões que ficou por explicar foi porque é que no par *batista – batismo*, *bapt-* não seja um elemento portador de significado e quer *batista* quer *batismo* tenham significado?

Para Booij (2010), em casos como *marxismo* e *marxista*, a solução passará, então, por estabelecermos uma relação paradigmática num esquema construcional em que uma palavra em *-ismo* está paradigmaticamente relacionada com uma palavra em *-ista* denotando 'pessoa'. A relação paradigmática tem um estatuto um pouco parecido com as regras, embora seja diferente porque na primeira a direção não é estipulada. Ou seja, as palavras em *-ista* não são derivadas de palavras em *-ismo*, ou vice-versa. Esta pode parecer uma conclusão bem-vinda, uma vez que há palavras em *-ismo* sem uma contrapartida em *-ista* (por exemplo, *alcoolismo*) e palavras em *-ista* sem contrapartes em *-ismo* (por exemplo, *linguista*), mas essa propriedade de não direcionalidade também pode ser vista como uma desvantagem (há, por exemplo,

uma diferença básica entre adicionar um afixo e em subtraí-lo).

### 3. Prefixação ou Composição?

Tal como referido anteriormente, por vezes, o considerar-se que há uma coincidência formal entre grande parte dos prefixos e as preposições (exemplos: *contra / contra-*, *entre / entre-*, *sem / sem-*, *sobre / sobre-*, etc.), o que decorre da procedência etimológica comum, conduz a análises distintas: aquilo que para alguns é derivação prefixal, para outros, que concebem que não só as classes lexicais maiores podem servir de bases para novas palavras, esse processo consiste na formação de um composto nominal, em que o primeiro elemento é uma preposição.

A questão que se coloca é, pois, a seguinte: em formações como as indicadas abaixo (cf. I-IV), teremos de analisar todos os elementos da mesma forma, ou podemos pressupor que há um *continuum* e uns podem ser considerados prefixos e outros (ainda) preposições?

(I.)	(II.)	(III.)
<i>entrededo</i>	<i>entreaparecer</i>	<i>entreadajuda</i>
<i>entremesa</i>	<i>entreaberto</i>	<i>entrebeijar-se</i>
<i>entrepassar</i>	<i>entre-hostil</i>	
<i>entremontano</i>		
(IV.) <i>sobrecama, sobrealimentação,</i>		
<i>sobreárbitro, sobresselar</i>		

De acordo com o seu valor originário locativo, em (I.), *entre* indica a 'posição intermédia entre duas unidades', enquanto em (II.) designa o 'grau intermédio de uma propriedade / ação' e em (III.) a 'relação recíproca'.

Nos exemplos de (IV.), *sobre* remete para 'superioridade espacial', significado que é

herdado da preposição latina (*sobrecama*); 'superioridade avaliativa' (*sobrealimentação*); 'superioridade hierárquica' (*sobreárbitro*) e, em *sobresselar*, para 'temporalidade' (posterioridade). De notar que nos nomes em que ocorre *sobre* a palavra complexa mantém o género da base. Assim, *sobre* funcionará, aparentemente, como prefixo, pois o género é determinado pelo elemento que está à direita.

#### 4. Sufixação ou composição?

À semelhança do ponto anterior, também temos algumas formações em que há junção de um elemento à direita que para alguns podem ser analisadas como produtos gerados por base e sufixo, enquanto outros consideram que estamos em presença de unidades formadas a partir da junção de dois radicais, replicando-se o modelo greco-latino de composição (cf., por exemplo, *herbívoros*).

Para ilustrar este ponto, considerem-se os exemplos abaixo em *-ívoro*:

(V.)	
<i>alfacívoro</i>	<i>franguívoro</i>
<i>arrozívoro</i>	<i>frutívoro</i>
<i>bananívoro</i>	<i>hamburguívoro</i>
<i>chocolatívoro</i>	<i>lasanhívoro</i>
<i>energívoro</i>	<i>pizzívoro</i>

O primeiro comentário a fazer é que *-ívoro*, bem como outros elementos do mesmo tipo com origem grega ou latina, desde há muito deixou de ocorrer como lexema, tendo deixado de o ser bastante antes de ter sido herdado pelo português e por outras línguas modernas.

A segunda observação é que nos exemplos de (V.) *-ívoro* não se junta a nenhum radical neoclássico, pelo contrário, em todas estas novas formações, em vez de serem

selecionados radicais neoclássicos, *-ívoro* solda-se a radicais nominais do português, o que ajuda a reforçar a ideia de que será um morfema sufixal.

Esquemmatizando o trajeto de *-ívoro*, teríamos: Lexema → Radical → Afixo.

Como havia afirmado em trabalho anterior (cf. Caetano 2021), de entre os elementos neoclássicos há os que já se comportam como afixos (o que será o caso de *-ívoro*) e os que se mantêm mais próximo de primeiro / segundo elementos de um composto (como por exemplo *bio*), possuindo estes últimos um significado que se assemelha mais ao de um lexema. Assim, *-ívoro* terá completado / estará em vias de completar um processo gradual, à semelhança do que aconteceu muito mais remotamente com os sufixos e os prefixos de que hoje dispomos para formarmos novas palavras, como sabiamente assinalou Ali (1964, p. 229), ao considerar que, tal como aconteceu com os prefixos atuais do português, que se originaram de preposições e de advérbios, i.e., itens com autonomia, caso idêntico se havia verificado antes com os sufixos, uma vez que, de acordo com o autor, o sufixo "procede também de expressão que a princípio se usou como palavra independente".

#### (Breves) Conclusões

Os exemplos analisados, sobretudo os de (V.), em que parece ter havido a gramaticalização de *-ívoro*, obrigam-nos a repensar se a composição e a derivação deverão ser entendidas enquanto processos morfológicos substancialmente diferentes.

Assumindo a proposta de Booij (2010), o qual, como já referido, defende que a composição e a derivação não diferem na acessibilidade das regras, os exemplos que vimos anteriormente reforçam a ideia de que os afixos são constituintes que fazem parte da estrutura interna das palavras de-

rivadas e que têm o mesmo estatuto dos constituintes dos compostos.

A fronteira entre a composição e a derivação pode cruzar-se no curso da história de uma língua, daí a importância de estudos sobre formação de palavras que conciliem as dimensões sincrónica e diacrónica, para que se possa avançar com mais segurança em termos teóricos. Atualmente, as diferentes áreas nucleares da linguística têm o seu campo específico bem delineado e os seus princípios bem definidos, o que faz com que algumas posições mais radicais deixem de fazer sentido, procurando-se antes estudar as zonas de interseção e mostrar que nos vários processos há confluência e interação, debate para o qual a morfologia tem dado um contributo muito importante.

## Referências

- Ali, M. S. (1964) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 3ª ed. (1ª ed. 1931).
- Anderson, S. R. (1992) *A-Morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Aronoff, M. (1976) *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge (Mass.): The MIT Press.
- Bloomfield, L. (1933) *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Booij, G. (2005). Compounding and Derivation. In Dressler, W., Kastovsky, D., Pfeiffer, O. & Rainer, F. (eds.) *Selected papers from the 11th Morphology meeting* (Vienna, 2004), pp. 109–132. Amsterdam: John Benjamins.
- Booij, G. (2010) *Constructional Morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- Caetano, M. C. (2021) Novas formações com *bio-* e *-ívoro* em português. In *Palavras e Gestos: A Arte da Linguagem*, vol. IV, pp. 165-174. Curitiba: Editora Artemis.
- Cunha, C. & L. F. Lindley Cintra (1984) *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Hockett, C. (1954) Two models of grammatical description. *Word* 10, pp. 210-231.
- Lieber, R. (1980) *On the organization of the Lexicon*. Cambridge (Mass.): The MIT Press.
- Lieber, R. (1992) *Deconstructing morphology: word formation in syntactic theory*. Chicago: University of Chicago Press.
- Villar, M. S. (coord.) (2011) *Dicionário do Português Atual Houaiss*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2 vols.